

O espectro de Malthus

MARIA DE LOURDES LIMA MODIANO

DEVE haver algo de diabólico na doutrina malthusiana para que, ao cabo de mais de um século de vagas tentativas de materialização, o espectro sinistro de Thomas Robert Malthus volte a projetar sobre o mundo sua sombra deletéria. Dois livros recentes — “Our Plundered Planet”, de Fairfield Osborn, e “Road to Survival”, de William Vogt, ambos norte-americanos, são os maiores responsáveis por essa recrudescência de um mal que parecia definitivamente extirpado — o veneno do malthusianismo.

O livro de Vogt, principalmente, alcançou extraordinário sucesso de livraria. No Brasil, embora até agora ainda seja excessivamente restrito o número dos seus leitores, graças a condensações publicadas em nosso idioma e à discussão levantada em torno do assunto, já bem pouca gente ignora o nome de William Vogt, arauto do neomalthusianismo. E há até quem já fale em “vogtismo”, em “doutrina vogtiana”, numa tentativa de dar ao autor norte-americano o mérito da originalidade — prerrogativa criadora que, certamente, não lhe pode ser atribuída. Nem ao menos lhe cabe a primazia da materialização do espectro de Malthus, uma vez que, antes dêle, já outro “medium” mais vigoroso — Adolfo Hitler — captando o espaço o ectoplasma do clérigo inglês, realiza a façanha, com rara maestria, na Alemanha nazista. O principal fator do êxito do livro de Vogt foi a sua oportunidade. Tal como Malthus que, aproveitando o alvorecer da era industrial, no seu próprio berço — a Grã Bretanha — teve sucesso retumbante ao lançar a doutrina anticrista de controle drástico a natalidade, o escritor norte-americano, escrevendo neste período de apos-guerra, no alvorecer da nova era atômica e em seu próprio berço — os Estados Unidos da América — está logrando uma aceitação que certamente não teria conseguido há vinte anos atrás.

Ninguém ignora o argumento básico da doutrina de Malthus: o aumento da população do globo terrestre, que se faz em progressão geométrica, não pôde jamais ser alcançado pelo aumento da produção de alimentos, uma vez que este se faz em progressão aritmética. Urgia, portanto — afirmava Malthus — controlar a natalidade, para que o mundo não viesse a morrer de fome. Para êle, a guerra, a peste e a fome, provocadas pela superpopulação do globo, acabariam acarretando a ruína da humanidade presunçosamente convencida de poder governar os próprios destinos. Tal

tese, habilmente lançada numa época em que a supremacia da máquina parecia prestes a desvalorizar definitivamente a mão de obra humana, não podia deixar de lograr, como de fato logrou, excepcional aceitação. O sucesso foi, todavia, de curta duração.

Não se confirmaram as predições do velho Malthus. Se, desde então, a população mundial duplicou, passando de um para dois bilhões de almas, em compensação novas terras ofereceram-se à lavoura, novos campos tornaram-se produtivos. Por outro lado, o progresso dos meios de transporte facilitou o suprimento alimentar dos grandes centros industriais. E' verdade que a fome continuou a existir, como sempre existira. Mas o mundo nunca chegou a ficar desprovido de alimentos como prognosticára Malthus. Ruiu assim irragorosamente sua triste profecia. E' que o famoso economista inglês não levára em conta os recursos ainda desconhecidos da natureza e, além disso, subestimara lamentavelmente as reservas surpreendentes do engenho humano. Os próprios neomalthusianos reconhecem esse fato. Mas acenam com outros espantinos: o esgotamento progressivo das terras cansadas pela lavoura, a destruição do precioso “topsoil”, corroído pela erosão. E, tal como o velho Malthus, distillam, gota a gota, seu veneno, o qual por ter variado de composição, nem por isso é menos letal: a produção de alimentos tende a diminuir e, dentro em breve, sua curva descendente incidirá sobre a curva ascendente da população mundial. Quando tal acontecer, bradam os neomalthusianos, a humanidade sucumbirá fatalmente.

Para os verdadeiros cientistas especializados em solos, esse sombrio pessimismo toca as raias do ridículo. Não há um ponto da doutrina neomalthusiana — afirmam eles estribados na realidade científica que não seja falso, eivado de solismas, impossível de provar. O mundo dispõe de terras suficientes e a humanidade dos recursos técnicos necessários para alimentar — e alimentar bem — uma população mundial duas vezes maior do que a atual. Novos métodos técnico-científicos de aumentar a produção alimentar surgirão, como sempre surgiram, na mesma proporção em que se vai verificando êsse aumento da densidade demográfica mundial.

Vogt, o autor de “Road to Survival” é um ornitologista, atualmente chefe da Seção de Con-

servação da "Pan American Union", que, segundo confessa, "estudando o comportamento dos pássaros, começou a interessar-se pela relação do homem com o meio ambiente". Sua teoria é de que, para viver feliz e sobreviver neste planeta, o homem deve conservar-se em "equilíbrio ecológico" com os demais seres vivos. Acontece — diz êle — que, para restabelecer êsse equilíbrio, impõe-se, não raro, uma redução drástica da população humana. A população dos Estados Unidos, por exemplo, não deveria jamais ir além dos 100 milhões de almas. Os médicos, que prolongam a vida humana e ainda contribuem para reduzir os índices de mortalidade infantil, são verdadeiros criminosos, responsáveis em parte pela superpopulação do globo e, por conseguinte, pela ronda fatídica da fome. E' que os médicos modernos, norteando sua ética pelos ensinamentos "de um homem ignorante que viveu há mais de dois mil anos, continuam a acreditar ser seu dever salvar a vida do maior número possível de indivíduos", diz Vogt, sem esconder sua acrimônia contra a classe médica. (1) Em compensação, Goodyear, contribuindo como contribuiu, embora não tão eficientemente quanto seria de desejar, para estabilizar a curva de aumento populacional através da aplicação anti-concepcionista dos produtos industriais da borracha, merece um lugar na Galeria dos Grandes Homens da História. (2) A guerra e a fome são grandes amigas do gênero humano. Matam e destróem um grande número para que possam viver — e viver melhor — os privilegiados sobreviventes. A missão Marshall na China de após-guerra foi, felizmente, um fracasso. Tivesse ela sido coroada de êxito e para Vogt o nome do grande general-estadista norte-americano estaria agora ao lado do de Hipócrates, de Pasteur e de tantos outros, engrossando as fileiras dos "criminosos" responsáveis pela superpopulação do globo...

Os verdadeiros cientistas, serenos e confiantes, sorriem ante tantos absurdos. A alma cristã da civilização ocidental, estremece de horror diante de tanta blasfêmia. E o veneno assim distilado ainda encontra quem o vá sorvendo lentamente, consciente ou inconscientemente, uns por oportunismo, outros por ignorância e muitos, simplesmente pela atração da novidade.

Nos Estados Unidos, o livro de Vogt pode tornar-se verdadeiro evangelho para os pregadores do isolacionismo. De fato, se mesmo um país rico como aquele não dispõe de terra suficientes para satisfazer às necessidades alimentares dos seus habitantes, qual deverá ser, logicamente, sua atitude? Ajudar aos mais necessitados? Que absurdo! Conquistar mais terra, isto sim, eliminando, se necessário, os mais fracos

onde os encontrar. Eis a conclusão lógica da tese vogtiana.

Foi essa mesma tese que, por duas vezes, levou os alemães à guerra de agressão, embora soubessem, por experiência própria, que é possível "esticar" o solo, uma vez que êles mesmos o fizeram, com raro êxito, nas planícies arenosas da Prússia, graças a excelentes métodos de lavoura. Ninguém ignora tampouco que os germânicos chegaram assim a alcançar o mais alto padrão de vida na Europa continental. Todavia, obsecados pela teoria hoje pregada por Vogt, julgaram mais acertado conquistar pela guerra mais "potencial biótico" para a Mãe-Pátria a fim de assegurar a perpetuidade do bem-estar, conquistado.

Felizmente para a humanidade, estamos certos de que a doutrina de Vogt não encontrará terreno propício na grande nação norte-americana e a sua propaganda neomalthusiana pode até mesmo ter ali seu ponto de utilidade. Servirá, quiçá, para estimular a adoção geral dos modernos métodos de lavoura, da mesma forma que, por volta de 1930, o brado de alarme contra os perigos da erosão serviu para incentivar a prática das técnicas preconizadas para contrôlo do flagelo.

Como bem diz Whitney R. Cross, professor de História da América no Smith College, "O cientista pode preconizar o contrôlo da natalidade; mas êste so poderá ser feito mediante modificações de legislação, educação, religião, Moral e Medicina (3).

Toda a doutrina de Vogt gira em tórno de três idéias centrais: 1.º — o solo não pode ser "esticado". Cada acre de terra tem determinada capacidade de produção — seu "potencial biótico" — além do qual todo esforço constituirá para o solo perigo mortal. 2.º — o esgotamento rápido e progressivo das terras aráveis do mundo, sob a ação destrutiva da erosão está transformando a face da terra, reduzindo-a a verdadeira carcassa, privada da carne generosa do "topsoil" e, por conseguinte, completamente improdutivo. 3.º — os seres humanos multiplicam-se indefinidamente, como moscas, enquanto tiverem o que comer e, dentro em breve, a terra superpovoada, não terá meios para alimentá-los.

Todos êsses pontos tem sido rebatidos pelos cientistas e, para qualquer observador inteligente e de boa fé, a doutrina de Vogt, apenas lançada, já vai murchando como um balão de oxigênio, do qual se abriu a válvula de escapamento...

Sua tese do limite do potencial biótico choca-se fragorosamente com os fatos. Quem se der ao trabalho de percorrer, mesmo superficialmente, algumas das publicações distribuídas às centenas

(1) WILLIAM VOGT — "Road to Survival" — William Sloans Associates, Inc., New York, 1948 — pg. 48.

(2) op. cit., pg. 280-81.

(3) WHITNEY R. CROSS — "The Road to Conservation" in *The Antioch Review* — Vol. 8. — n.º 4. — 1948-49 pg. 437.

pelo Departamento de Agricultura e, de modo especial, pelo Serviço de Conservação do Solo, dos Estados Unidos, nem precisará recorrer a massudos tratados para convencer-se da verdade. O solo não é absolutamente estático quanto à produtividade, afirmam e provam os especialistas em solos. É certo que as terras virgens variam grandemente de fertilidade, mas uma vez sujeitas aos métodos modernos de lavoura, submetem-se dócilmente à vontade do homem. Os solos são compostos de partículas minerais misturadas a matérias orgânicas e organismos vivos. Esses seres vivos, especialmente as plantas, exercem, nas características do solo, maior influência do que as próprias rochas e outras substâncias formadoras do mesmo. Via de regra, o solo durante muito tempo habituado a determinada espécie de vegetação torna-se particularmente favorável à mesma. O melhor tipo de terra virgem, que se encontra nas regiões temperadas, é o "chernozem" — nome com que foi batizado pelos cientistas russos que o classificaram.

Essas terras se encontram em zonas secas, tais como o Estado de Iowa, nos Estados Unidos, e na Ucrânia, onde o clima favorece naturalmente o desenvolvimento de gramíneas mais altas. Estas depositam no solo grande quantidade de matéria orgânica, formando uma camada escura, quase preta, de mais de 30 centímetros de espessura, que mantém no solo as substâncias nutritivas solúveis, tarefa ainda mais facilitada pelo volume pluviométrico moderado daquelas áreas.

Em outras regiões temperadas, mas com precipitação suficiente para alimentar florestas densas, o tipo de solo que se forma naturalmente é inteiramente diverso. É o "podsol", na terminologia daqueles mesmos cientistas. A raízes das árvores não fornecem quantidade suficiente de cal para controlar a acidez do solo e as folhas mortas formam uma camada fôfa e úmida na superfície. Abaixo desta, a terra apresenta um colorido esbranquiçado formando uma segunda camada quase destituída de minerais solúveis, uma vez que estes são carregados pelos aguaceiros. Esse tipo de solo é propício às árvores; mas quando o agricultor abate a floresta e a substitui pela plantação de cereais, a colheita, nos primeiros anos, é forçosamente fraca. O agricultor moderno dispõe, todavia, de meios para remediar essa situação. Com o auxílio do cal e adubos químicos, começa a plantar gramíneas.

Pouco a pouco o solo ácido da floresta transforma-se completamente, como aconteceu nos Estados de Nova York, Pensilvânia e Ohio, onde as terras são hoje mais férteis do que as encontradas pelos primeiros colonizadores.

Há outros tipos de solo que podem melhorar facilmente graças a tratamento adequado. As vezes, basta fornecer-lhe algum elemento mineral de que mais necessitam. É por isso que os especialistas em solo riem dos neomalthusianos que preconizam para o homem uma vida semelhante

à dos animais silvestres, sujeita aos caprichos da natureza. É que os modernos métodos de fertilização fazem verdadeiros milagres. Para Vogt, o homem, servo do solo, tem que adaptar-se a este. Para os especialistas na matéria, "o homem não é seu escravo e sim o seu amo". A terra é que tem que adaptar-se aos caprichos da humanidade.

Outro "slogan" neomalthusiano é o da impossibilidade de recuperação do "topsoil". Este, dizem os especialistas, é precioso, não há dúvida. E como tal deve ser conservado e resguardado. Mas pode perfeitamente ser recuperado, pois não é, de forma alguma, "insubstituível" conforme afirmam Vogt e seus adeptos. Experiências muitas vezes repetidas tem provado exatamente o contrário. No Estado de Pensilvânia, é comum ver-se um campo inteiro despojado do seu "topsoil", vendido pelo dono aos cultivadores de cogumelos. Entretanto, graças aos cuidados preconizados pela moderna técnica de conservação do solo, tempos depois, esse mesmo campo recupera seu precioso "topsoil". Os milagres da ciência e da técnica, realizados pelos russos dentro do próprio círculo polar ártico, opõem outro eloquente desmentido às teorias pessimistas de Vogt.

Quanto a sua segunda tese, a do esgotamento rápido e progressivo das terras aráveis do mundo, sob a ação da erosão, esta também encontra formal desmentido na realidade dos fatos. Para o autor de "Road to Survival", as fabulosas colheitas norte-americanas destes últimos anos não passam de perigosa ilusão. Para produzi-las, as terras deram tudo quanto podiam e, daqui por diante, a produção tenderá inexoravelmente a diminuir. Em alguns casos é possível que se realizem esses sombrios prognósticos, não há dúvida. Nunca, porém, como regra geral. O esgotamento e a erosão do solo já causaram prejuízos bem maiores nos Estados Unidos do que causam atualmente. O Serviço de Conservação do Solo, depois de uma luta tenaz contra o terrível flagelo da erosão, já hoje afirma com segurança que os solos estão melhorando e que essa melhora só tende a acentuar-se.

O renascimento das terras aráveis do sul dos Estados Unidos, depois de praticamente esgotadas pela monocultura do algodão, é um atestado grandioso do quanto podem esses cuidados cientificamente estudados dentro de rigorosa técnica. A U.R.S.S., por seu lado, está levando a efeito, com resultados admiráveis, um programa bem organizado de luta contra a erosão, depois de mandar seus técnicos aos Estados Unidos afim de estudarem os métodos ali aplicados.

É preciso não esquecer, além disso, que ainda existe, muita terra virgem por este mundo à espera de ser cultivada. Nas regiões tropicais, principalmente, ainda há muitos campos por explorar. Ali-se encontram esperando apenas receber as sementes produtivas, áreas enormes de boa terra ao lado de extensas florestas, cujos solos, sob cuidados adequados, depressa também se transformarão em campos férteis.

Pelas estimativas da F.A.O. (Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas) (*) por volta de 1960 a população do globo deverá orçar em cerca de 2 bilhões e 250 milhões de almas. A fim de dar a essa gente a quantidade de alimento necessária para assegurar a cada indivíduo uma ração adequada, faz-se mister que a produção de cereais aumente em 21% sobre a média de 1936-39; a da carne, em 46%; a de leite, em cerca de 50%; e assim por diante. O Dr. Robert M. Salter, chefe do Serviço no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em recente artigo bem documentado, apresenta cálculos estimativos do maior interesse, provando que, com os métodos modernos, esse aumento é, não só perfeitamente praticável como, ainda, pode mesmo ser facilmente ultrapassado. Diz aquele cientista que 48% das terras do globo são inaproveitáveis para a lavoura, mas que, nos restantes 52%, não falta margem para expandir a produção, uma vez que desta fração, apenas sete décimos são hoje cultivados. E longe de adotar o pessimismo de Vogt, afirma o Dr. Salter que aqueles 52% bem depressa poderão tornar-se totalmente produtivos, desde que surja a necessidade. Calculando a potencialidade de produção de alimentos no mundo, em bases científicas, chega o Dr. Salter à conclusão surpreendente de que, através de tratos agrícolas adequados, a produção mundial de alimentos poderá, em 1960, não somente atingir, mas ultrapassar em 100% o objetivo fixado pela F.A.O. Muito terá que ser realizado, não há dúvida, afirma o Dr. Salter. Centenas de milhões de pessoas terão que ser deslocadas para outras áreas. Novas ferrovias serão lançadas, inúmeras estradas abertas ao tráfego rodoviário, muitas fábricas construídas, novas cidades levantadas. Mas se o mundo souber querer e tiver coragem suficiente para empreender esse esforço, aí encontrará o caminho verdadeiro da sobrevivência e não esse egoisticamente preconizado pelos neomalthusianos os quais, cômodamente refestelados em suas poltronas macias, pregam o aniquilamento do resto da humanidade para que eles possam continuar a gozar a vida como até hoje fizeram...

A terceira das idéias centrais do livro de Vogt é a da multiplicação indefinida da espécie humana a qual, segunda a velha teoria dos neomalthusianos, tal como moscas em redoma de vidro, continuará a reproduzir-se enquanto tiver o que comer, para acabar, como aqueles insetos, devorando-se entre si. Mas responderemos como respondeu Léon Bernard num Congresso de "birthcontrollers" — os homens não são moscas... O aumento da população humana, está provado, — dizem os cientistas —, nenhuma relação tem com a sua ração de alimento. Ninguém ignora que geralmente as famílias mais pobres são justamente as mais numerosas, enquanto, via de regra, as mais abastadas tem menor número de filhos. O mesmo, *mutatis mutandis*, se poderia dizer das nações. A Suécia, por exemplo, um

dos países mais bem alimentados do globo, é um dos que apresentam menores índices de natalidade. Entre a Argentina e o Chile, este faminto e aquela bem alimentada, a diferença é impressionante: enquanto na primeira o índice de natalidade é apenas de 21 por 1.000, já no segundo, mal alimentado, eleva-se a 33 por 1.000.

Os aumentos mais espetaculares de densidade demográfica verificam-se, via de regra, em quase todos os países, logo após a industrialização. Sem que se saiba explicar a razão, essa fase tem coincido invariavelmente com um aumento de natalidade, acompanhado por sensível diminuição do índice de natalidade passa a diminuir, estabelecendo-se um aumento de população. O aumento é, porém, em geral de curta duração. Foi o que se observou na Inglaterra, coincidindo com o lançamento da doutrina de Malthus. O índice de mortalidade global continua em curva decrescente, com o aumento de serviços médicos, mas, em compensação, o índice de natalidade passa a diminuir, estabilizando-se assim a curva de aumento demográfico. Em certos casos, a população chega até a crescer. Quase todas as nações industrializadas conhecem, por experiência, esse fenômeno.

O fato inegável é que nenhum país jamais conseguiu aumentar a seu bel prazer o índice de natalidade do seu povo. Na França, fracassaram todas as tentativas. Na Alemanha de Hitler, a despeito dos métodos drásticos empregados, os resultados não foram mais animadores.

Nem o apelo ao sentimento de patriotismo dos franceses, nem o argumento da força, no 3.º Reich, logrou alcançar aquele *desideratum*. Nem mesmo o sentimento religioso de um povo pode influir favoravelmente nesse particular. A Irlanda católica, por exemplo, apresenta um dos menores índices de natalidade do mundo. Sua população é perfeitamente estática. A Irlanda comporta-se, pois, quase que exatamente como desejam os neomalthusianos: se, por um lado, não aumenta sua produção alimentar, em compensação, não iniciou sua industrialização (coisa que Vogt detesta), nem aumenta sua população. Mas é preciso lembrar que 79% dos irlandeses de menos de 30 anos de idade e 60% de menos de 40 são solteiros. Das mulheres irlandesas, 35% jamais encontram marido. Os "vogtistas" poderão chamar a isso de "equilíbrio ecológico". Aos sociologistas, porém, tal estado de coisas não parecerá muito católico...

Vogt não quer que os Estados Unidos ajudem com alimentos aos povos famintos do mundo senão com a promessa prévia de limitarem a natalidade. Chega até a sugerir a concessão de "coupons de esterilização" como auxílio aos rapazes para se fazerem esterilizar. E' este, incontestavelmente, um dos mais odiosos aspectos da doutrina de Vogt. Dos mais odiosos antipáticos e deshumanos.

Mas, mercê de Deus, seu livro e suas teorias não terão maior duração do que um punhado de bôlhas de sabão lançado ao vento por uma criança descuidada.

(*) Food and Agriculture Organization.